



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROFESSOR ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS

CLEVERTON SOUZA COSTA

FÁBULAS NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE MEDIAÇÃO DE LEITURA

Itabaiana – SE

Fevereiro de 2015

CLEVERTON SOUZA COSTA

FÁBULAS NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE MEDIAÇÃO DE LEITURA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras (DLI) da Universidade Federal de Sergipe, *Campus* Prof. Alberto Carvalho, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Beto Vianna

Itabaiana – SE

Fevereiro de 2015

CLEVERTON SOUZA COSTA

FÁBULAS NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE MEDIAÇÃO DE LEITURA

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Licenciado em Letras Português e aprovado em sua forma final pelo curso de Letras Português da Universidade Federal de Sergipe.

Itabaiana, fevereiro de 2015

Orientador: Prof. Dr. Beto Vianna (UFS)

Banca Examinadora

Para todos.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus porque é justo e generoso. Sinto-me um escolhido. E agora, ainda mais, a docência se mostra como vocação, o que me deixa contente por definir o meu lugar de fala.

Agradeço aos meus pais, Lindinalva e Genivaldo, pelo apoio incondicional e pela fé na semente que um dia plantaram nesse mundo. Meus irmãos Érica Souza, Janaina Souza e Rodrigo Souza. Tenho a seguinte certeza: tudo o que sou foi fruto da ajuda e admiração de todos.

Agradeço ao Prof. Dr. Beto Vianna que me ajudou, haja vista a paciência e a dedicação na construção desse trabalho.

Agradeço aos amigos e colegas do curso de Licenciatura em Letras Português, *campus* Prof. Alberto Carvalho, bem como aos professores do Departamento de Letras (DLI), posto que a convivência durante esses cinco anos de graduação e contribuiu com a abertura do leque de conhecimentos, sem perder de vista os momentos inesquecíveis e, sobretudo, o amadurecimento pessoal e profissional. Particularmente, destaco Bárbara Letícia, Carla Andréa, Dayane Alves, Jeferson Rodrigues, Jorge Augusto, Jôse Dayane, Michelle Santos e Pablo Rangel.

A todos, o meu agradecimento!

“Não é o mais forte que sobrevive, nem o mais inteligente, mas o que
melhor se adapta às mudanças”. (Charles Darwin)

RESUMO

Este trabalho visa contribuir para a inserção dos alunos em práticas de leitura, a fim de fomentar a formação de sujeitos – leitores envolvidos em práticas sociais e comunicativas essenciais à compreensão do texto numa perspectiva sócio – histórica. Para isso, propomos uma estratégia de mediação da leitura do gênero fábula a partir do diálogo com os seguintes teóricos: Bakhtin (1997), Coelho (2000), Cosson (2011), Leffa (1996), Marcuschi (2008), Piaget (1994) e Vigotsky (1987), entre outros. Através da análise do questionário e da revisão bibliográfica, este trabalho demonstra a importância de gêneros como a fábula no desenvolvimento da linguagem oral e escrita, e propõe sua utilização como ferramenta para a prática pedagógica de leitura.

PALAVRAS-CHAVES: Fábulas, Mediação de Leitura, Práticas de Leitura, Ensino Fundamental.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. A HISTÓRIA DAS FÁBULAS	13
1.1. Contexto histórico: As fábulas de Esopo e La Fontaine	13
1.2. A fábula como referência para o estudo da linguagem	17
1.3. As fábulas na prova Brasil	19
2. AS FÁBULAS COMO PRÁTICA PEGAGÓGICA	26
2.1. Reflexão sobre a leitura e a literatura na escola	26
2.2. O processo de aquisição da leitura através do ensino das fábulas	29
2.3. A formação de novos leitores a partir da leitura das fábulas	30
3. UMA PROPOSTA DE MEDIAÇÃO DE LEITURA	35
3.1. Metodologia	35
3.2. Proposta de mediação	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	42

INTRODUÇÃO

Quando nos propomos a ensinar, precisamos compreender como se dá o processo de aprendizagem, isto é, como o indivíduo aprende. Nas últimas décadas, foram desenvolvidos vários estudos na área da psicologia, procurando compreender o funcionamento da mente humana diante de situações de aprendizagem.

As pesquisas do psicólogo, filósofo e biólogo suíço Jean Piaget (1994) foram importantes para possibilitar a compreensão de como o aluno aprende. Segundo seus estudos a aprendizagem ocorre a partir da assimilação de novos conhecimentos e de seu acréscimo a conhecimentos que o indivíduo já possui. Logo, é na relação com o meio que o aluno se desenvolve, haja vista a construção e reconstrução de suas hipóteses sobre o mundo. Assim, por causa de tal concepção, essa abordagem de aprendizagem passou a ser chamada posteriormente de construtivismo, considerando a seguinte direção: o conhecimento é construído pelo sujeito que aprende.

Nesse ínterim, Vigotsky (1987) desenvolveu seus estudos sobre o processo de aprendizagem humana. Suas pesquisas mostraram que o conhecimento é construído socialmente, no âmbito das relações humanas. Para ele, a interação e a formação linguística são fatores primordiais para a construção do conhecimento.

É importante frisar que a mudança de ponto de vista sobre como o indivíduo aprende levou educadores a repensar a educação de um modo geral, pois, antes, havia apenas a preocupação com o ensinar e não com o aprender. Os estudos de Piaget e Vigotsky colaboraram significativamente para que as práticas educacionais fossem revistas, até porque, com a divulgação das teorias desses pesquisadores no meio educacional, o papel do professor deixou de ser o de mero transmissor de conhecimentos para ser o de mediador, facilitador do conhecimento.

Nesse processo, vale ressaltar que as teorias não resultam em um método de ensino, mas em reflexões fundamentais para repensar a prática pedagógica. Nesse sentido, é tarefa do educador promover situações didáticas que garantam a aprendizagem efetiva. Mediar o desenvolvimento da leitura é exercitar a compreensão do aluno, transformando-o de leitor principiante em leitor ativo. Essa direção, por sua vez, pressupõe desenvolver capacidades de ler com clareza e reconhecer com rapidez as palavras para uma leitura fluente.

A mediação na leitura acontece na dinâmica da interpretação, pois o mediador apoia o leitor inicialmente auxiliando-o na mobilização de conhecimentos anteriores. Na tentativa de ampliar os recursos a serem utilizados pelo aluno em interação com o meio, a escola adota vários procedimentos, embora nem sempre esse objetivo seja alcançado. Diante dessa constatação, surge uma questão que preocupa muitos educadores. Como desenvolver nos alunos a habilidade de interpretar e compreender os diversos tipos de textos?

A escola dá uma ênfase especial nas atividades de leitura, mas numa forma em que a leitura se torna uma ação mecanizada, descontextualizada de seu real sentido, comprometendo a construção de sentido e de significado do texto. Conforme o PCN de Língua Portuguesa (1997, p. 53):

a leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, o autor, de tudo o que se sabe sobre a língua: características do gênero, portador e sistema de escrita.

Nesse quadro de valorização das práticas de leitura, o objetivo desse trabalho é promover estratégias de mediação de leitura na escola rumo à formação de um leitor capaz de selecionar, em meio à farta presença de gêneros textuais, aquele que atenda às suas necessidades. Nesse caso, o leitor competente consegue ler não apenas o que está escrito explicitamente, mas também aquilo que está implícito (as inferências), estabelecendo, assim, relações entre o texto que lê e outros textos já lidos.

Assim sendo, este trabalho traz uma proposta de mediação de leitura em que poderão ser trabalhadas as práticas de ensino-aprendizagem a partir do uso dos gêneros textuais dentre estes destaco a fábula. Coelho (2000) define as fábulas como composições literárias em que as personagens são geralmente animais, forças da natureza ou objetos, que apresentam características humanas, tais como a fala, os costumes etc. textos que trazem um ensinamento ou conselho.

A proposta de mediação de leitura busca promover práticas para o desenvolvimento de competências de registros orais e escritos de textos, envolvidos pela leitura reflexiva do gênero fábula. O desenrolar desta proposta de mediação de leitura a partir do ensino das fábulas não será um momento único de aprendizagem, e sim uma possibilidade de vivência contínua, por meio de atividades variadas, envolvendo as características desse gênero, além, é claro, de propiciar situações de escuta, leitura e produção de textos.

Este trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, faremos um panorama histórico sobre a origem das fábulas: Como surgiu? Como ficaram conhecidas? Como é definida? Qual a sua estrutura? Para responder esses e outros questionamentos, apresentaremos dois fabulistas que contribuíram para a popularização desse gênero ao longo do tempo Esopo e La Fontaine. Após esse passeio sobre a história das fábulas, iremos analisar como este gênero ajuda no desenvolvimento da aprendizagem e da linguagem além de discutir como esse gênero está sendo trabalhado nas aulas de Língua Portuguesa.

No segundo capítulo, abordaremos algumas definições sobre o que é a leitura, sugerindo o encontro entre o leitor e o texto e ressaltando as condições necessárias para que o fenômeno seja desencadeado com os processos que o caracterizam. A intenção é desenvolver um conceito fundamental de leitura, sem pressupor um conhecimento prévio das teorias já existentes por parte do leitor que se inicia.

O terceiro capítulo trará uma proposta de mediação de leitura a partir do gênero fábula, qual o critério de escolha desse gênero, os objetivos e o papel do professor na mediação nesse processo de ensino.

Pensando em estimular a leitura, a escrita e a criatividade e tantas outras linguagens, será apresentada uma proposta de mediação de leitura a partir da inserção do gênero textual fábula com o objetivo de formar leitores competentes. Este trabalho parte do princípio da leitura de várias fábulas estas poderá despertar o interesse dos alunos pela leitura. Nesse caso, serão disponibilizadas para os alunos muitas fábulas conhecidas e posteriormente serão incentivados a refletirem sobre a moral das fábulas colocando em prática suas opiniões, despertando assim o interesse por esse gênero.

A proposta da mediação de leitura tem o objetivo de estimular o encontro do educando com o texto literário, oferecendo-lhe possibilidades de aprimorar o seu senso crítico, se identificar naquilo que lê e, sobretudo, vivenciar a força humana da literatura.

A utilização desta proposta de mediação de leitura buscará levar o aluno a assimilar o quanto é importante o uso dos gêneros textuais no processo de aquisição da leitura, visto que o mesmo passará a elaborar seus textos para serem ouvidos ou lidos por outras pessoas, além do professor, compartilhando a leitura por fruição. Entretanto, a leitura constitui um todo de situações reais que preparam os alunos para viverem em uma sociedade letrada. Nesse sentido, letramento é a capacidade de o aluno saber redigir vários textos necessários para exercer a cidadania e estar apto a competir no mercado de trabalho.

Atualmente a definição mais difundida é a apresentada por Magda Soares (2001) "Letramento é o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever, o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita." Desse modo, letramento seria resultado ou consequência do processo de alfabetização.

Nesse sentido, a proposta de mediação de leitura tem como finalidade desenvolver as práticas de linguagem essas constituem aquisições acumuladas pelos diversos grupos sociais. O trabalho com esta proposta de ensino não descartará os conteúdos básicos que os alunos devem aprender, mas proporcionará uma estratégia pertinente, na qual, contextualiza a aprendizagem por se tratar de situações reais. Também levará a uma maior compreensão da utilidade do estudo dos gêneros textuais no processo da prática de leitura, visto que os alunos passam a desenvolver o hábito pela leitura a partir de textos que eles gostam e circulam na sociedade.

Portanto, esta proposta de mediação de leitura abordará um trabalho de estratégias para o desenvolvimento da habilidade leitora dos alunos, além de socializar a leitura do gênero fábula, o professor poderá desenvolver uma sequência de atividades com o objetivo de apresentar novas práticas de leitura. Estas atividades oferecerão a oportunidade para que o aluno vá aos poucos se apropriando das características do texto, em situações reais de produção e compreensão.

1. A HISTÓRIA DAS FÁBULAS

Neste capítulo, faremos um breve relato sobre a origem das fábulas, dando destaque para as produções de Esopo e La Fontaine. Em seguida, apresentaremos uma reflexão da fábula como referência para o estudo da linguagem e por fim, teceremos alguns comentários sobre como a fábula é trabalhada na Prova Brasil.

1.1 Contexto histórico: as fábulas de Esopo e La Fontaine

Em todas as culturas existem a tradição de contar histórias. Por sua vez, as histórias motivam a leitura e, ao mesmo tempo, chamam a atenção de adultos, adolescentes e crianças de todo o mundo. O contador de histórias sobrevive ao longo dos tempos, é uma arte viva e simples, transmite emoção e leva a um mundo imaginário em que tudo se faz possível. Contar histórias é um talento, muitas das vezes não percebido pelo próprio contador, eles contam diferentes histórias que podem ser reais ou fictícias, mas que prendem a atenção de vários ouvintes ao longo dos tempos. Esta prática cultural desenvolve a sensibilidade no ouvinte e o insere na comunidade em que vive.

Neste momento, faremos um breve panorama histórico de dois importantes fabulistas que contribuíram na divulgação desse gênero. Destacaremos aqui, um dos precursores da fábula Esopo que pouco se sabe sobre ele, viveu aproximadamente entre 620 e 550 a. C. Não se sabe bem ao certo onde ele tenha nascido, talvez, em Frigisse ou em Atenas. Esopo foi um escravo capturado numa guerra e teve dois donos, até ser comprado por Jadmo de Samos. Este ficou tão encantado pelas fábulas do escravo que lhe deu a liberdade. Livre, ele viajou por vários lugares espalhando as suas histórias. Foi morto na ilha de Delfos.

Esopo ficou famoso pelas suas narrativas curtas com fundo moral e que têm como protagonistas animais que se comportam como humanos, falam, cometem erros, são sábios ou tolos, maus ou bons. O fabulista viveu na Grécia Antiga, época em que a arte e a literatura floresciam na região, as artes eram financiadas por mecenas, homens ricos e poderosos que tinham sob sua proteção vários artistas.

É importante lembrar que o sistema de governo da Grécia era a polis, ou cidades-estados. Estas possuíam autonomia administrativa, logo algumas viviam em um período de

prosperidade, com várias colônias no Mar Mediterrâneo, Mar Morto e norte da África. A sua riqueza provinha do comércio entre as colônias e também com outros reinos. A cunhagem de moedas também foi inventada pelos gregos naquela época, o que foi prontamente adotado por todas as cidades-estados. Esse sistema político beneficiava apenas os ricos, o que deu margem a muitas trapaças e conspirações, o que fez de ambientação para a divulgação das fábulas de fundo moral. Suas alegorias morais continuam atuais por retratarem a natureza humana do comportamento humano em diferentes situações.

Desse modo, as fábulas, por conterem um contexto moral, podem ser usadas em diversas mesas de discussão, principalmente sobre o comportamento humano, como reagimos diante das situações e quais as soluções que podemos encontrar para problemas diferentes. Pais e professores podem simular situações para as crianças buscarem soluções éticas, aproveitando a oportunidade para discutir com elas os valores sociais muitas vezes questionados pela sociedade.

Em seguida, apresentamos Jean de La Fontaine (1621-1692), pois coube a ele dar forma definitiva a um dos gêneros mais resistentes ao desgaste dos tempos. Coelho (2000) diz que houve durante muito tempo muitas recusas e muitas transformações, mas as fábulas continuam vivas, sendo retomadas de geração em geração e traduzidas em várias línguas.

Surgiram muitas outras versões, mas coube a La Fontaine se encarregar da tarefa de restituir a fábula em todo o seu relevo literário, mas também a elevá-la a ser conhecida e alimentada por um novo pensamento filosófico da época valores que só a posterioridade iria reconhecer, pois seu tempo foi minimizado pelos contemporâneos. A fábula na Idade Média foi retomada também pelo Humanismo.

La Fontaine foi admirador e leitor assíduo de textos antigos cuja obra decidiu imitar. Logo iniciou sua carreira como escritor em 1650, escrevendo peças de teatro que era o gênero mais importante da sua época. La Fontaine vai-se imortalizar com uma forma literária popular e considerada “menor” a fábula. Segundo Coelho (2000), La Fontaine foi buscar seus argumentos para as suas obras nos gregos, latinos, franceses, medievais, parábolas bíblica, contos populares, narrativas medievais e renascentistas e em várias outras leituras que desafiavam a sua curiosidade.

Nessa perspectiva, La Fontaine reuniu todos os breves poemas narrativos que constituíam os doze livros que resultaram de suas pesquisas e criação durante 25 anos de trabalho. Entretanto, tais “poemas narrativos” não pertencem à mesma espécie literária: não

são idênticos entre si, quanto à natureza da matéria que os constitui. Nem todos são estórias de animais. Há entre eles, um grande número de fábulas; porém, ao lado destas aparecem também apólogos, parábolas, contos, exemplares, contos jocosos, alegorias e historietas Coelho (2000, p. 82).

O que existe de comum entre esses poemas narrativos e as fábulas é que todos eles expõem uma situação que encerra com um ensinamento. Coelho (2000, p. 81) afirma que devido a essa peculiaridade, a breves relatos que divertem e instruem que todos os textos se imortalizaram, como fábulas, na história da literatura e passaram a ser compartilhados até os dias de hoje.

La Fontaine possuía o domínio da técnica literária e linguística além do talento para transfigurar a matéria literária dos antigos em matéria moderna, como sua época exigia cujas versões apresentam bastante adulteradas à escrita original, bem como o argumento ou ensinamento. Portanto, o que venceu o tempo, entre o grande público, não foi propriamente a forma literária de La Fontaine, mas as situações humanas ali transfiguradas, e que nasceram, com certeza, com uma intenção totalmente distinta das possíveis intenções que o leitor de hoje lhes pode atribuir.

Sobretudo, as fábulas de La Fontaine se destacam por denunciar misérias, desequilíbrios ou injustiças sociais de sua época, há uma crítica político-social muito forte em suas obras. Segundo Coelho (2000, p. 83) foi pela dedicação à amizade de Fontaine com Fouquet (Superintendente das Finanças de Luiz XIV, afastado do cargo e aprisionado injustamente por seu inimigo Colbert, na época era o novo ministro do Rei) que levou La Fontaine não só a intervir publicamente em favor do amigo e protetor, bem como a escrever as fábulas “O lobo e o cordeiro” e “A raposa e o esquilo”, lidas, na ocasião, para o público seleto dos “salões”.

Coelho (2000, p. 84) descreve que La Fontaine alterou e organizou os argumentos e o espírito das fábulas que retomou dos Antigos, não tocando no caráter ou tão pouco na simbologia que seus antecessores atribuíram aos animais. Nele, o leão é ainda o poderoso, orgulhoso; a raposa é a astúcia; o rico é gordo; o pobre é magro, a garça é delicada; o coelho, um desmiolado sem experiência; o burro um fanfarrão, o gato um gabola, o urso, um rústico cabeçudo e solitário, a cigarra vive pelo ideal da arte, a formiga pelo trabalho incessante.

Nesse sentido, Coelho (2000, p. 83) diz que é evidente, porém, o elemento simbólico, seja ele qual for, só atua quando o correspondente exatamente às características que a tradição

consagrou. Seria tolice, portanto, a tentativa de alterar, hoje, em novas fábulas, o simbolismo atribuído a cada animal. A não ser que se tratasse de uma narrativa para pôr em questão tal imagem fixada pelo passado e descobrir que a realidade corresponde à outra verdade. Em geral, as suas fábulas visam os costumes, o comportamento social dos homens, enquanto o apólogo e a parábola visam, em última análise, as atitudes morais, o que não quer dizer que as várias intenções não possam estar presentes em todas as espécies.

De acordo com Coelho (2000, p. 84), a fábula “é a narrativa (de natureza simbólica) de uma situação vivida por animais que alude a uma situação humana e tem por objetivo transmitir certa moralidade”. A fábula é uma narração alegórica, cujos personagens são, geralmente, animais, e que encerra em uma lição de moralidade e reflexão. A fábula seria, portanto, uma narrativa em prosa e destinada a dar relevo a uma ideia abstrata, permitindo, dessa forma, apresentar, de maneira agradável, uma verdade que, de outra maneira, se tornaria mais difícil de ser assimilada.

Outra característica importante desse gênero se deve ao fato de ser simples e popular. Sua resistência através dos tempos e sua presença entre diferentes culturas, tanto ocidentais como orientais, tem mostrado que o uso da fábula se caracteriza como um instrumento pedagógico utilizado no processo de aquisição da leitura pelo aluno.

Ao trabalhar a fábula nas disciplinas de Literatura e de Língua Portuguesa percebe-se um significado especial na formação da personalidade dos alunos. Enquanto discurso, a fábula é uma fórmula específica de comunicar pensamentos críticos. Ela dirige-se à inteligência, provoca discussões, desafia a crítica e fomenta capacidade dos alunos de analisar e julgar diferentes situações vividas no cotidiano.

As fábulas podem ser um importante instrumento pedagógico, tanto para o trabalho com a língua oral, a leitura e a língua escrita, como também em uma perspectiva sociológica, já que oferecem esquemas de análise ou explicação para inúmeros comportamentos sociais e de traços de personalidade individual. Esses pontos justificam a presença deste gênero literário já nos primeiros anos escolares.

Esopo e La Fontaine tiveram a mesma vontade: um consagrou o gênero e o outro imprimiu um toque de refinamento, além de expandir as fábulas de forma prazerosa e crítica. As fábulas despertam através da moral e situações vividas no cotidiano, à reflexão e, ao mesmo tempo, a fruição, como meio de fugir de uma realidade opressora e enrijecida por pensamentos mecânicos e autoritários.

Os dois fabulistas aqui mostrados trabalham com temática variada e contempla diversos conflitos, tais como: a vitória dos fracos sobre os fortes, dos ricos contra os pobres, da inteligência sobre a força bruta, o encontro da bondade com a maldade, a disputa do bonito e feio. São essas, entre outras questões, que fazem da fábula sobreviver nos tempos de hoje e nunca serem esquecidas por leitores de todo o mundo.

No Brasil, por exemplo, temos como representante deste gênero, o escritor Monteiro Lobato, que escreveu o livro “Fábulas” (1922), no qual recria e reconta fábulas de Esopo, de La Fontaine, além de contar suas próprias fábulas. Através de suas fábulas, o autor preocupava-se em preparar as crianças para a vida em sociedade. Na década de 60, Millôr Fernandes, publicou “Fábulas Fabulosas” (1978), e acrescenta em suas obras os temas políticos com humor irônico, próprio do autor, impondo um tom atual a velha forma das fábulas.

A próxima seção mostrará a fábula como referência para o estudo da linguagem e a importância da leitura desse gênero no desenvolvimento da habilidade leitora do aluno.

1.2 A fábula como referência para o estudo da linguagem

O objetivo principal de trabalhar com os gêneros textuais é o de ensinar a produzir e a interpretar textos para que o aluno desenvolva a sua competência discursiva. Por isso, a referência da prática pedagógica não pode ser a sílaba, a letra, a palavra ou a frase, uma vez que isso torna o trabalho descontextualizado. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, pág. 55),

o centro do trabalho é o texto porque só ele tem significado. Um texto não se define por sua extensão, uma placa, uma lista, um recado, um romance, uma notícia são textos, pois todos apresentam uma função comunicativa, contêm valores sociais, geram reflexões, põe em questão a moral do ser humano, a noção de certo ou errado, faz crítica a uma sociedade.

Contudo, é importante lembrar que não é preciso ter a preocupação de oferecer textos mais curtos ou mais simples para os alunos que estão no início da sua competência linguística. A intenção deve ser sempre apresentar textos contextualizados com uma função determinada pela sociedade leitora. Para Coelho (2000 p. 81), La Fontaine apoiava-se na noção de que o domínio da linguagem é imprescindível na participação efetiva do cidadão no meio social em que vive.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) sugerem que, enquanto os alunos estiverem se expressando oralmente durante a leitura do gênero, o professor esteja atento para anotar algumas das frases ditas e, a partir delas, trabalhe conceitos e exercícios gramaticais. Para os alunos, esse tipo de atividade é muito mais significativo do que o trabalho com frases soltas.

Nesse sentido, as experiências com textos variados e de diferentes gêneros são fundamentais para a constituição do ambiente alfabetizador e do desenvolvimento da competência textual dos alunos. A seleção do material deve ser feita pela necessidade de colocar a disposição dos leitores diversos textos e de facilitar as diferentes funções e características sociais de leitura e também da escrita. Por sua vez, trabalhar com o ensino das fábulas tem como finalidade o desenvolvimento de habilidades e competências da leitura, embora envolva a produção de textos em situações reais de comunicação.

Vale ressaltar que a base do trabalho de linguagem é o texto. Os alunos apropriam-se do objeto de aprendizagem a partir do complexo mais geral, fazendo análise do simples e conquistando um complexo mais específico. Assim, em linguagem, o texto deve ser tratado como complexo mais geral e torna-se o ponto de partida de um trabalho de linguagem. Ele deixa de ser um conjunto de regras a serem aprendidas para se transformar em algo utilizado socialmente, em ações efetivas do cotidiano.

E sem perder as ideias reflexivas sobre a língua e do desenvolvimento da competência do discurso, as aulas de Língua Portuguesa devem acontecer em um espaço escolar que propicie a compreensão da aplicação prática da linguagem. Uma seleção rica de material de leitura será o embasamento de todo o dinâmico ensino-aprendizagem, nesse caso o uso constante do gênero textual fábulas. Vale ressaltar que a aprendizagem não é simplesmente a aquisição de um novo comportamento já existente.

Ainda segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), um dos objetivos gerais do ensino de Língua Portuguesa é considerar a leitura, a compreensão e produção de textos orais ou escritos, em situações reais de uso; produzir uma reflexão sobre a língua e a linguagem e descrição gramatical dos textos e contextos, à medida que forem significativas a compreensão das características da língua. Desenvolver a oralidade e a escrita nas diversas situações de uso funcional, valorizando as variedades linguísticas, bem como a norma culta, em situações em que o conhecimento destas for necessário.

Tendo em vista que os conteúdos da Língua Portuguesa decorrem do uso da língua oral e escrita e da reflexão sobre a língua e a linguagem, é preciso que se considere a integração entre essas duas vertentes, isto é, as situações didáticas devem ser criadas em função da análise linguística das produções dos alunos. É a partir das elaborações textuais dos alunos que o professor trabalhará conceitos de gramática e de ortografia; cabe ao professor à identificação dos conhecimentos linguísticos já dominados pela classe, bem como sua possibilidade de aprendizagem.

A sugestão de trabalhar com o gênero fábula em turmas do ensino fundamental é levar os alunos a refletirem sobre a linguagem, a estrutura sintática, o vocabulário, a organização das ideias e outros aspectos composicionais de um texto e desenvolver a habilidade leitora de maneira dinâmica. A tarefa não é fácil, mas consiste em apresentar aos alunos vários gêneros textuais com o intuito de fazer com que os alunos identifiquem os recursos utilizados para tornar a narrativa mais interessante e despertar o prazer pela leitura.

Em relação à leitura, se tem a compreensão de que ela é uma atividade que se refere tanto à habilidade de decodificar sons em sílabas isoladas como à capacidade de converter grafemas em fonemas; construir o sentido de um dado texto; interpretar enunciados, comparações, críticas, metáforas, simbologias, ilustrações; fazer predicções iniciais acerca de um texto; combinar hipóteses, refletir e discutir sobre o que leu; tirar dúvidas e fazer suas próprias conclusões.

Portanto, o desafio da escola é fazer com que essa habilidade seja ampliada, isto é, fazer com que o aluno saiba utilizar a linguagem de modo competente, empregando a linguagem adequada para cada situação. A linguagem não é a mesma de uma explanação em um seminário, por exemplo, e, principalmente, tampouco será igual à empregada em uma produção escrita.

Na próxima seção apresentaremos uma reflexão pautada no uso das fábulas na Prova Brasil e de como elas podem ser bem trabalhadas.

1.3 As fábulas na Prova Brasil

A Prova Brasil é uma avaliação do sistema público de ensino do país. Realizada por amostragem com alunos do 5º e 9º ano do Ensino Fundamental e do 3º ano do Ensino

Fundamental de escolas públicas urbanas e rurais que tenham pelo menos 20 alunos por série, a prova medirá os conhecimentos dos estudantes em leitura e resolução de problemas, além de ciências para as turmas do 9º ano do Ensino Fundamental e do 3º ano do Ensino Médio.

O Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) é composto por dois processos: a Avaliação Nacional da Educação Básica (ANEB), realizada por amostragem das Redes de Ensino tem foco nas gestões dos sistemas educacionais; e a Avaliação Nacional do Rendimento Escolar (ANRESC) enfoca cada unidade escolar e recebe, em suas divulgações, o nome de Prova Brasil.

Segundo dados do Ministério da Educação, a “Prova Brasil” e o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) são avaliações para diagnóstico, em larga escala, desenvolvidas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep/MEC). O objetivo é avaliar a qualidade do ensino oferecido pelo sistema educacional brasileiro a partir de testes padronizados e questionários socioeconômicos.

Nos testes aplicados os estudantes respondem a itens (questões) de língua portuguesa, com foco em leitura, e matemática, com foco na resolução de problemas. No questionário socioeconômico, os estudantes fornecem informações sobre fatores de contexto que podem estar associados ao desempenho. Além disso, professores e diretores das turmas e escolas avaliadas também respondem a questionários que coletam dados demográficos, perfil profissional e de condições de trabalho.

Assim sendo, a partir das informações do Saeb e da Prova Brasil, o MEC e as secretarias estaduais e municipais de educação podem definir ações voltadas ao aprimoramento da qualidade da educação no país e a redução das desigualdades existentes, promovendo, por exemplo, a correção de distorções e debilidades identificadas e direcionando seus recursos técnicos e financeiros para áreas identificadas como prioritárias. As médias de desempenho nessas avaliações também subsidiam o cálculo do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), ao lado das taxas de aprovação nessas esferas. Aqui, é importante lembrar que a partir dos resultados, pode acompanhar as políticas implantadas pelas diferentes esferas de governo.

Ainda no tocante à Prova Brasil (2009), pôde-se observar o desempenho específico de cada rede de ensino e do sistema como um todo das escolas públicas urbanas e rurais do país. Um dos procedimentos abordados nessa prova é a prática da leitura, pois o aluno deverá localizar informações explícitas e inferir as implícitas em um texto. Tais informações

implícitas exigem maior capacidade para que possam ser inferidas, exigindo que o leitor acione as chaves interpretativas do texto.

No entanto, a prova não é divulgada, pois de acordo com a metodologia da Teoria da Resposta ao Item, as mesmas questões podem ser utilizadas em edições seguintes do exame. Diferentemente das clássicas avaliações aplicadas pelos professores em sala de aula, a metodologia adotada para a confecção e aplicação dos testes da Prova Brasil tem como objetivo avaliar as redes ou sistemas de ensino, e não alunos individualmente.

Contudo, a compreensão e a atribuição de sentidos relativos a um texto dependem da adequada interpretação de seus componentes. Durante a leitura da fábula o aluno tem uma apreensão geral do assunto do texto. Em relação aos textos narrativos, o leitor necessita identificar os elementos que compõem o texto: narrador, ponto de vista, personagens, enredo, tempo, moral, espaço; e quais são as relações entre eles na construção da narrativa.

No conteúdo da Prova Brasil (2009) analisado devido a grande quantidade de fábulas. Destacaremos “O leão, o burro e o rato” e “O socorro” de Millôr Fernandes. Observamos que após, realizar a leitura os alunos deveriam identificar qual é a ideia principal do texto. O uso do gênero textual nessa prova é abordado apenas com uma simples questão de múltipla escolha.

PROVA BRASIL

O leão, o burro e o rato

(Millôr Fernandes)

Um leão, um burro e um rato voltavam, afinal, da caçada que haviam empreendido juntos e colocaram numa clareira tudo que tinham caçado: dois veados, algumas perdizes, três tatus, uma paca e muita caça menor. O leão sentou-se num tronco e, com voz tonitruante que procurava inutilmente suavizar, berrou:

- Bem, agora que terminamos um magnífico dia de trabalho, descansemos aqui, camaradas, para a justa partilha do nosso esforço conjunto. Compadre burro, por favor, você, que é o mais sábio de nós três, com licença do compadre rato, você, compadre burro, vai fazer a partilha desta caça em três partes absolutamente iguais. Vamos, compadre rato, até o rio, beber um pouco de água, deixando nosso grande amigo burro em paz para deliberar.

Os dois se afastaram, foram até o rio, beberam água e ficaram um tempo. Voltaram e verificaram que o burro tinha feito um trabalho extremamente meticuloso, dividindo a caça em três partes absolutamente iguais. Assim que viu os dois voltando, o burro perguntou ao leão:

- Pronto compadre leão, aí está: que acha da partilha?

O leão não disse uma palavra. Deu uma violenta patada na nuca do burro, prestando - o no chão, morto.

Sorrindo, o leão voltou-se para o rato e disse: - Compadre rato, lamento muito, mas tenho a impressão de que concorda em quenão podíamos suportar a presença de tamanha inaptidão e burrice. Desculpe eu ter perdido a paciência, mas não havia outra coisa a fazer. Há muito que eu não suportava mais o compadre burro. Me faça um favor agora - divida você o bolo da caça, incluindo, por favor, o corpo do compadre burro. Vou até o rio, novamente, deixando-lhe calma para uma deliberação sensata.

Mal o leão se afastou, o rato não teve a menor dúvida. Dividiu o monte de caça em dois: de um lado, toda a caça, inclusive o corpo do burro. Do outro apenas um ratinho cinza morto por acaso. O leão ainda não tinha chegado ao rio, quando o rato chamou:

- Compadre leão, está pronta a partilha!

O leão, vendo a caça dividida de maneira tão justa, não pôde deixar de cumprimentar o rato:

- Maravilhoso, meu caro compadre, maravilhoso! Como você chegou tão depressa a uma partilha tão certa?

E o rato respondeu:

- Muito simples. Estabeleci uma relação matemática entre seu tamanho e o meu – é claro que você precisa comer muito mais. Tracei uma comparação entre a sua força e a minha - é claro que você precisa de muito maior volume de alimentação do que eu.

Comparei, ponderadamente, sua posição na floresta com a minha - e, evidentemente, a partilha só podia ser esta. Além do que, sou um intelectual, sou todo espírito!

- Inacreditável, inacreditável! Que compreensão! Que argúcia! - exclamou o leão, realmente admirado. - Olha, juro que nunca tinha notado, em você, essa cultura. Como você escondeu isso o tempo todo, e quem lhe ensinou tanta sabedoria?

- Na verdade, leão, eu nunca soube nada. Se me perdoa um elogio fúnebre, se não se ofende, acabei de aprender tudo agora mesmo, com o burro morto.

8. A narrativa procura passar a ideia de que:

- a) A justiça é cega.
- b) Os fortes não são sábios.
- c) A sabedoria é própria das criaturas menores.
- d) Só um burro tenta ficar com a parte do leão.

O Socorro

(Millôr Fernandes)

Ele foi cavando, cavando, cavando, pois sua profissão - coveiro - era cavar. Mas, de repente, na distração do ofício que amava, percebeu que cavara demais. Tentou sair da cova e não conseguiu sair. Gritou. Ninguém atendeu. Gritou mais forte. Ninguém veio.

Enlouqueceu de gritar, cansou de esbravejar, desistiu com a noite. Sentou-se no fundo da cova, desesperado.

A noite chegou, subiu, fez-se o silêncio das horas tardias. Bateu o frio da madrugada e, na noite escura, não se ouvia um som humano, embora o cemitério estivesse cheio de pipilos e coxares naturais dos matos. Só um pouco depois da meia-noite é que lá vieram uns passos.

Deitado no fundo da cova o coveiro gritou. Os passos se aproximaram.

Uma cabeça ébria lá em cima, perguntou o que havia: O que é que há?

O coveiro então gritou desesperado: “Tire-me daqui, por favor. Estou com um frio terrível!” “Mas coitado!” - condoeu-se o bêbado. “Tem toda razão de estar com frio. Alguém tirou a terra de você, meu pobre mortinho!” E, pegando a pá, encheu-a de terra e pôs-se a cobri-lo cuidadosamente.

Moral: Nos momentos graves é preciso verificar muito bem para quem se apela.

Fonte: FERNANDES, M. *Fábulas fabulosas*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1991.

35. O motivo pelo qual o coveiro não conseguiu sair do buraco foi que:

- a) Distraiu-se tanto com seu trabalho que cavou demais.
- b) Anoiteceu rapidamente e ele sentiu medo de sair dali.
- c) Estava com muito frio e precisava de um lugar para dormir.
- d) Por mais que gritasse, ninguém atendeu seu pedido.

Durante o processo de construção da habilidade leitora o aluno deveria enxergar na leitura algo interessante e desafiador, uma conquista capaz de proporcionar autonomia e independência.

Nesta prova, o uso do gênero textual é de forma avaliativa nos dois textos selecionados tanto na fábula “O leão, o burro e o rato” quanto na fábula “O socorro”. A prova

mostra como podemos melhorar o uso do gênero fábula em um processo de avaliação de leitura. O intuito da proposta de mediação de leitura a partir do uso das fábulas é que o aluno deverá compreender o texto não como um simples agrupamento de frases justapostas, mas como um conjunto harmonioso em que há laços, interligações e relações entre suas partes. É aproximar o leitor do texto, realizar uma ligação entre ambos, aproxima-lo um do outro tendo o professor como facilitador dessa proposta de ensino.

Contudo, a leitura da fábula na Prova Brasil (2009) se torna mecânica e avaliativa diferente de uma leitura participativa e prazerosa, já que o ato de ler é um processo em que o leitor utiliza um trabalho ativo de construção do significado do texto, autor e do que sabe sobre a língua. Na leitura mecânica, a informação fica solta dentro da estrutura cognitiva do indivíduo, sem possibilidade de encaixe, tal como a definição de um conceito que é apenas decorado pelo aluno, o que, nesse caso, acena para a falta de compreensão.

Nessa perspectiva, Leffa (1996, p. 18) diz que a leitura mecânica se dá por fixações dos olhos em determinados segmentos do texto, que pode ser uma palavra ou um pequeno grupo de palavras. Nesse viés, o leitor não processa as letras apenas compõem um determinado segmento de modo linear, da esquerda para a direita, mas de modo simultâneo. Também parece que as letras não são processadas integralmente, em todos os detalhes, mas apenas nos seus traços distintivos.

Segundo Kleiman (1996), a maioria das atividades que enfoca a leitura como extração faz com que essa prática sirva como forma de avaliar, de mensurar uma decodificação para saber se o aluno entendeu o texto, isto é, se ele conseguiu repetir as ideias do enunciado original. Assim, não há leitura com o objetivo de produção de sentido, mas apenas na identificação do conteúdo do texto, em um processo mecânico. Para o aluno responder a uma pergunta sobre o conteúdo estudado, basta passar os olhos pela superfície linguística e encontrar partes que repitam as palavras presentes na pergunta, realizando um mapeamento entre a informação gráfica da questão e sua forma repetida no texto.

A leitura avaliativa trabalhada na Prova Brasil é feita pelo aluno para obter simplesmente noções básicas e produzir opiniões. Permite o desenvolvimento do pensamento reflexivo crítico, para o qual o leitor deve: fazer a pausa processo, reler o material, tomar notas, indicar diferenças, qualidades, semelhanças; confrontar opiniões com outros autores e outros textos escritos.

O processo de leitura depende de vários fatores: habilidade e estilo pessoal do leitor; objetivo de leitura; nível de conhecimento prévio do assunto estudado; nível de complexidade oferecida pelo texto. Para tanto, o conhecimento prévio é necessário à leitura, mas não é o único. É fundamental também o conhecimento acerca da linguagem (tipo de texto), da organização e das características do texto, saber para que sirva os títulos e ter consciência de que não necessitamos conhecer o significado de todas as palavras do texto para compreender uma mensagem escrita, por isso o uso das fábulas facilita a compreensão e gera reflexão sobre as diferentes situações do nosso cotidiano.

Por isso, não existe um conceito ideal para o aprendizado da leitura, uma vez que os alunos aprendem a ler participando de atividades de uso da escrita em meio às trocas entre sujeitos. Aprendem a ler quando acham que podem fazer isso, além de que leem para atender a necessidades pessoais, tais como: saber quais são as notícias do dia; que novidades a revista traz; qual a receita de um delicioso prato; como montar um equipamento; quais as regras de um jogo; ler as mensagens das redes sociais: face book, instagram, twitter, whatsapp, entre outros. Obter novos conhecimentos; aprender os encantos de um poema ou as emoções de um livro de aventura, amor, suspense ou terror.

Nesta análise do capítulo podemos concluir que a Prova Brasil serve essencialmente para avaliar a situação da educação do país e não como despertar a habilidade leitora dos alunos. Logo após a correção é feita uma análise por escola, município, estado e de um panorama geral do Brasil com isso, é possível traçar metas e melhorias para cada caso. Vale ressaltar que a partir da avaliação dos resultados, da investigação do percentual de alunos que estão em cada nível de aprendizagem, as escolas podem estabelecer metas de aprendizagens e traçar estratégias para que todos os alunos tenham garantido o seu direito de aprender.

No próximo capítulo, apresentaremos as fábulas como uma prática pedagógica importante na aquisição da leitura e na formação de novos leitores, além de uma reflexão sobre o ensino de literatura na escola.

2 AS FÁBULAS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA

Neste capítulo, iremos abordar como o ensino da Literatura é trabalhado na sala de aula. Apresentaremos também a prática de leitura vista como um processo contínuo na formação de novos leitores e a importância da fábula na construção de uma prática pedagógica dinâmica e objetiva.

2.1 Reflexão sobre a leitura e a literatura na escola

Durante muito tempo, o trabalho com a leitura centrou-se na decodificação do texto, o que provocou a formação de leitores que, mesmo decodificando textos, mostraram-se inaptos na compreensão. Na decodificação o aluno primeiramente decodifica os símbolos escritos. É uma leitura superficial que, apesar de incompleta, é essencial fazê-la mais de uma vez num mesmo texto. No entanto, com o desenvolvimento das teorias da leitura e da literatura, o processo de decodificação passou a ser questionado, pois, tal “a prática da literatura, seja pela leitura, seja pela escrita, consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana” Cosson (2011, p. 16).

Nessa perspectiva, ser alfabetizado é ter um conjunto de habilidades como, por exemplo, a habilidade de reconhecer o código alfabético e o sentido do que está lendo e aprendendo, é fazer uso da leitura em seu favor, é ter a habilidade de ler e escrever e entender o sentido das palavras, e ter condições de se comunicar e transmitir suas necessidades, e poder expressar-se através da escrita.

Nesse contexto, o dizer do mundo é reconstruído pela força da palavra, que é a literatura, revelando-se como uma prática fundamental para a constituição de um sujeito da escrita. É no exercício da leitura e da escrita dos textos literários que se desvela a arbitrariedade das regras impostas pelos discursos padronizados da sociedade letrada e se constrói um modo próprio de se fazer dono da linguagem. Assim sendo, Cosson (2011, p.17) destaca que, na leitura e na escrita do texto literário, encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos.

A literatura nos incentiva a desejar expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborada, ela é a incorporação do outro em mim, sem renúncia da minha própria identidade. Logo, com exercício da literatura, podemos viver como os outros, podendo romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda sim, sermos nós mesmos.

Sobretudo, a leitura é um momento importante na educação que começa desde cedo na alfabetização e se estende por todo o ensino fundamental. Ela consiste no desenvolvimento do processo de leitura e compreensão, haja vista que, depois da fase inicial do contato com a leitura, faz-se necessário a prática da leitura e da interpretação dos textos. Logo, uma vez letrado, o sujeito amplia os horizontes de leitura, tornando-se, portanto, sujeito autônomo e consciente.

Ainda mais, a literatura possibilita a transformação do mundo compreensível numa materialidade em palavras de cores, sabores, odores e formas intensamente humanas. Tomando essa direção de Cosson (2011), entendemos que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas, desde que ela cumpra seu papel de humanização caminhando rumo ao desenvolvimento de escolarização.

Em relação ao processo inicial de desenvolvimento da leitura, é importante compreender que o aluno deve ter acesso ao texto para poder ler, pois o hábito é construído a partir de atos significativos. Em verdade, aprende-se a ler lendo, logo, torna-se necessário oferecer aos alunos os mais variados textos. Nessa perspectiva, COSSON (2011, p. 19) diz que “essa tradição cristaliza-se no ensino de língua nas escolas como um duplo pressuposto: a literatura serve tanto para ensinar a ler e a escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo”. Dessa forma,

o adequado é que a literatura não está sendo ensinada para garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza. No ambiente escolar, a literatura é um lócus do conhecimento e, para que funcione como tal, convém ser explorada de maneira adequada (COSSON, 2011, p. 20).

Aqui, vale ressaltar que as práticas de sala de aula precisam contemplar o processo de letramento literário e não apenas a mera leitura das obras. A literatura é uma prática e um discurso, cujo funcionamento deve ser compreendido criticamente pelo aluno. Assim, cabe ao professor fortalecer essa disposição crítica, levando seus alunos a ultrapassarem o simples consumo de textos literários.

Nesse ínterim, a prática de leitura faz parte do processo contínuo que parte do conhecido para o desconhecido, do simples para o complexo, do semelhante para o diferente, com o objetivo de ampliar e consolidar o repertório cultural do aluno. Nesse caso, é importante ressaltar que tanto a seleção das obras quanto as práticas pedagógicas devem acompanhar esse movimento. Logo, na esteira de Cosson (2011, p. 47), ao articular esses pressupostos para torná-los presentes na escola, propõe-se a sistematização, que são duas sequências: uma básica e outra expandida.

A criação da sequência básica e expandida tem como principal objetivo apresentar duas possibilidades concretas de organização das estratégias a serem usadas nas aulas de literatura do ensino básico. Por isso, consideramos essas duas sequências exemplares e não modelares, levando em conta o nosso interesse em mostrá-las como vieses de práticas de mediação de leitura.

Conforme Cosson (2011, p. 48),

essas sequências procuram sistematizar a abordagem do material didático em sala de aula integrando, fundamentalmente, três perspectivas metodológicas. A primeira dessas perspectivas é a técnica bem conhecida das oficinas na qual o aluno aprende a fazer fazendo. A segunda perspectiva é a técnica do andaime que se trata de dividir com o aluno a transferência do conhecimento e a terceira perspectiva é a do portfólio que oferece ao aluno e ao professor possibilidades de registrar as diversas atividades realizadas em um curso, ao mesmo tempo em que permite a visualização do crescimento alcançado pela comparação dos resultados iniciais. É essa dualidade de registro do portfólio que nos interessa acentuar no encadeamento das atividades que sustentam as duas sequências, pois auxiliará o fortalecimento do leitor à medida que ele participa de sua comunidade.

O que se observa nas práticas escolares, é uma inversão da ordem desses tipos de atividades: comum verificarmos o emprego de uma prática pedagógica que vai da metalinguística para a língua; partindo-se de exemplos, exercícios de reconhecimento e memorização da nomenclatura gramatical. Para tanto, não é proibido empregar a terminologia, bem como o que não se deve fazer é sobrecarregar o aluno com uma nomenclatura excessiva, descontextualizada e sem função, justificada apenas pelas tradições de apresentá-la.

Na próxima seção, faremos uma reflexão sobre o processo de aquisição da leitura através do ensino das fábulas a partir da proposta oficial dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) e Coelho (2000) e qual a visão dos alunos e professores a respeito das fábulas.

2.2 O processo de aquisição da leitura através do ensino das fábulas

Para Coelho (2000), as fábulas são histórias que em geral têm animais como personagens principais e quase sempre terminam com uma moral, isto é, um ensinamento. Como os contos maravilhosos, as fábulas são muito antigas. A partir de uma proposta de mediação de leitura baseada no ensino das fábulas, o professor pode despertar nos alunos o hábito da leitura e da escrita, da criação e da produção de novos textos. Enfim, a mediação de leitura a partir do gênero textual fábula será uma forma de dar conta do ensino dentro de um dos vetores da proposta oficial dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997).

A fábula, para a maioria dos alunos e professores, é um gênero textual que, como tantos outros, registram as experiências e o modo de vida dos povos. É por meio destas histórias que ouvimos, por meio da tradição oral ou registrada nos livros, que aprendemos lições importantes para o convívio em sociedade.

Nesse sentido, esta proposta de mediação de leitura enfatiza a importância das fábulas assim como as narrativas primordiais que, apesar de antigas, continuam atuais por seu caráter popular e pequena complexidade. As fábulas, por sua vez, permitem trabalhar tanto a estrutura da narrativa quanto os temas abordados, tais como atitudes e valores: o respeito, a generosidade e a solidariedade. Embora tragam conselhos ou lições de moral.

A moral contida na fábula não pode ser vista simplesmente como didático moralista, pois também serve para divertir e aconselhar. Por essas características, as fábulas, assim como os contos maravilhosos, têm sido lidas, atualizadas, estilizadas e até parodiadas nas histórias em quadrinhos, nos filmes de animação e nos diversos gêneros de entretenimento que chegam até os estudantes pelos meios de comunicação de massa.

Na fábula, o narrar está a serviço dos mais variados atos de fala: demonstrar, censurar, recomendar, aconselhar, exortar, etc. Essa característica formal, muito simples, aliás, pode ser uma explicação para popularidade e resistência desse gênero através dos tempos. É que a maleabilidade de sua forma lhe permite incorporar novos repertórios de narrativas e ajustar-se à expressão de visões de mundo de diferentes épocas.

Pensando nas artes de uma forma geral, Bakhtin (1997, p. 22), afirma que

todo produto de consumo carrega ou pode ser transformado em signo ideológico. Consequentemente, a linguagem torna-se uma representação de ideologia. Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem, daí compreende-se o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os

campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana.

A fábula tradicional apresenta um relato direcionado a uma lição de conduta. Mesmo que as personagens sejam animais, como ocorrem muitas vezes, elas representam emoções e sentimentos humanos, servindo para divertir e educar. Além de contar uma história, apresenta um ensinamento, procurando alertar os homens a pensar antes de agir, a fazer amigos, a evitar inimigos, a defender-se, tentando reconhecer a esperteza dos outros que julgam ser mais sabidos e fortes.

De acordo com Marcuschi (2008, p. 20),

os gêneros discursivos são ricos e moldam-se à medida que surgem novas necessidades de um grupo de pessoas. Muitas vezes, a mudança ou a reescrita de um texto consiste na materialidade de uma ideologia opressora. Os gêneros são atividades discursivas socialmente estabilizadas que se prestam aos mais variados tipos de controle social e até mesmo o exercício de poder. Pode-se, pois, dizer que os gêneros são nossas formas de inserção, ação e controle social no dia-a-dia [...] os gêneros são também necessários para interlocução humana.

Assim, os desenhos animados, as diversas histórias em quadrinhos constituem manifestações atualizadas das antigas fábulas, mesmo que não se refiram a uma delas, especificamente.

A proposta de mediação de leitura por meio das fábulas acena situações adequadas para promover o gosto pela leitura e privilegiar o desenvolvimento do comportamento do leitor, ou seja, atitudes e procedimentos que os leitores assíduos desenvolvem a partir da prática de leitura: formação de critérios para selecionar o material a ser lido constituição dos padrões de gosto pessoal, rastreamento da obra de escritores preferidos. Essa circunstância requer do aluno uma atividade reflexiva que, por sua vez, favorece a evolução de suas estratégias de resoluções das questões apresentadas pelos textos.

2.3 A formação de novos leitores a partir da leitura das fábulas

Por que alguns alunos tornam-se leitores antes de passar por um processo formal de ensino? E por que será que alguns alunos levam mais tempo para aprender a ler?

Alguns pais têm o costume de ler histórias infantis no intuito de desenvolver a habilidade leitora de seus filhos. Como também há pais que deixam à disposição das crianças todos os tipos de gêneros textuais, tais como: gibis, revistas, fábulas, contos, poemas e poesias, músicas, jornais, anedotas para motivar a leitura dos mesmos. Esses pais, muitas vezes sem saber, estão o tempo todo ensinando e estimulando os filhos a serem leitores competentes e a despertar o interesse pela a leitura.

Nesse sentido, é importante que os futuros leitores tenham contato com todo tipo de material escrito nos primeiros anos de escolarização e, para isso, cabe ao aos pais e aos professores o papel decisivo na iniciação ao prazer pela leitura. Na mente humana, segundo a teoria de esquemas desenvolvida por Leffa (1996), na sua acepção mais geral, nada surge do nada, tudo se transforma do que já existe dentro do indivíduo.

Os esquemas são estruturas abstratas, construídas pelo próprio indivíduo para representar a sua teoria do mundo. Na interação com o meio, o indivíduo vai percebendo que determinadas experiências apresentam características comuns com outras. Por exemplo, um almoço, em casa, com a família, pode ser diferente de um almoço, num restaurante, com um executivo importante. No entanto, há, entre um e outro, uma série de elementos comuns que tipicamente caracterizam o acontecimento como almoço: a hora, o uso de talheres, e a ingestão de alimentos.

Os elementos que formam um esquema são conhecidos como variáveis caracterizadas justamente pela possibilidade de variação entre um acontecimento e outro. Embora um acidente de automóvel se caracterize, entre outras coisas, pela ocorrência de danos materiais, esses danos não serão sempre exatamente os mesmos para cada acidente. Uma variável, sozinha, normalmente não é suficiente para configurar um esquema. Não é apenas pela presença de alimentos que podemos, por exemplo, caracterizar um almoço. Para não confundirmos almoço com café da manhã ou jantar é necessário que outras variáveis estejam presentes. O que caracteriza um determinado esquema é, portanto, uma determinada configuração de variáveis.

Sobretudo, é lendo que se aprende a ler, a compreender e a decifrar o texto, caminhando dessa maneira para o processo de aquisição da leitura. Segundo Leffa (1996, p. 12),

ler, para alguns autores é extrair o significado do texto, ao passo que, para outros, é atribuir um significado. Ler, portanto, é reconhecer o mundo através de espelhos, é interagir com o texto, um fenômeno que ocorre quando o leitor que possui uma série

de habilidades e entra em contato com o texto, essencialmente um seguimento da realidade que se caracteriza por refletir outro segmento.

Na verdade, é um processo mais amplo, na qual o aluno interpreta o que ouve, pensa e reflete a partir do conhecimento prévio. Desde pequeno que o aluno deve ter contato com a leitura e a escrita. Por isso que enfatizamos o uso das fábulas como mediação de leitura.

Formar leitores não é uma tarefa fácil, uma vez que nem sempre é um hábito estimulado em casa. Nesse caso, cabe à escola o papel de despertar nos alunos, desde a educação infantil, o gosto pela leitura. Na sala de aula, por exemplo, seria importante a elaboração de uma pequena biblioteca, compor um acervo com vários livros, fábulas, contos, poesias, revistas, dicionários, gibis, anedotas e preparar um cantinho de leitura. Estas já são atividades motivadoras e que propiciarão a circulação dos livros pelos alunos.

A importância dessa atividade é estimular a circulação dos livros entre alunos, sem obrigatoriedade e propor um tempo para a fruição da leitura. Logo após a leitura, pode-se partir para as atividades dinâmicas de reflexão. Uma forma efetiva de tentar se comunicar com a história vivenciada pelo mundo da leitura. O ideal é que ocorra um contato com uma grande variedade de gêneros textuais.

Em torno dessas questões, um dos objetivos dessa proposta de mediação de leitura, a partir da utilização do gênero textual fábula, não é imitar o real, mas transfigurar a realidade de maneira crítica e emocional, renovando o recurso tradicional da fantasia pelo jogo da intertextualidade, apresentando um realismo que quebra tabu e preconceitos, lidando com problemas do cotidiano de cada um. A título de exemplo, La Fontaine aproveitava muitas dessas situações para contar nas suas fábulas, o que faz da leitura um processo linear que se desenvolve palavra por palavra, do qual o significado é extraído e acumula-se à medida que essas palavras vão sendo processadas.

Segundo Kleiman (1989), na leitura compreensiva, o leitor não se coloca numa posição pacífica, já que atua sobre o texto e interage com ele. Nela, os conhecimentos linguísticos, textuais e de mundo são fundamentais no processo da leitura, determinantes mesmo das antecipações, inferências a serem realizadas pelo leitor e sentidos a serem construídos, ou seja, as informações implícitas que todo texto contém são inferidas pelo leitor com base não só nos elementos ali presentes de forma explícita, mas também nos conhecimentos que o leitor possui sobre o mundo. Esses conhecimentos, ao serem ativados, possibilitam a leitura, são ampliados por meio dela, permitindo que, cada vez mais, o leitor

estabeleça uma grama maior de relações e construa sentidos mais amplos que possibilitem compreender melhor o mundo em que vive para poder se situar nele.

Na escola, de modo geral, o uso dos gêneros textuais tem sido o ponto de partida para explicações gramaticais e também como expedientes para ensinar valores sócios culturais e morais. Perde-se, com isso, a vasta riqueza da literatura que o texto traz de si, o que muito contribuirá na descoberta, pelos alunos, do prazer da leitura. Portanto, o uso do texto literário somente como base para explanações é o mesmo que restringir sua riqueza cultural e privar os alunos dela.

Tal afirmativa se dá porque, através da leitura das fábulas, se abre as portas do olhar para entendermos o mundo, alcançando voos para um prazer sem igual. Sendo assim, logo o primeiro contato do aluno com a literatura é através das histórias orais relatadas por seus pais ou por adultos de sua convivência. É uma oportunidade única de trabalhar a imaginação e a reflexão, permitindo a participação deles em um mundo de conflitos, impasses, soluções etc. como personagem ou como observador. Nesse universo, o aluno descobre lugares, tempos, culturas, valores éticos e outros aspectos importantes do saber.

Contar história, seja ela qual for, é uma arte. Há necessidade de toda uma preparação: conhecer o texto, estar familiarizado com o vocabulário pertinente à história, transmitir confiança, motivação e prazer naquilo que está fazendo. A literatura infantil tem também a função de fazer a mediação entre a língua padrão e os outros falares. É por meio dela que o aluno entrará em contato com as questões de sentido da língua escrita e das relações existentes entre a linguística e a representação gráfica.

Quanto à avaliação da atividade de leitura, ela deve ocorrer de forma gradual e de acordo com a participação do aluno durante as aulas e da realização dos exercícios propostos, ou seja, desde dúvidas e questionamentos do aluno apresentadas durante o processo de ensino-aprendizagem. Aqui, vale ressaltar que a proposta de mediação de leitura visa criar o mais próximo possível da realidade do aluno, mostrar as condições em que socialmente o gênero é produzido e lido/ouvido pelos interlocutores. Portanto, os alunos veem sentido na produção textual: produzem textos para publicar, refletir e comparar com os acontecimentos da sociedade em que vive.

Desse modo, a literatura não é uma arte fechada, ela deve ser estimulada e ampliada. A obra literária é um objeto social, é uma porta do mundo; portanto, é a arte de inventar, de fingir, de sonhar; instauradora de realidade e exploradora de sentidos, reflexões o que gera

inúmeras significações de leitura. Com isso, tornar os alunos bons leitores é o nosso desafio, o que torna a proposta de mediação importante, ainda mais por desenvolver muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura.

Para isso, a escola, junto com pais e mestres, precisam motivar seus alunos constantemente, pois aprender a ler requer um esforço de todos. É preciso mostrar para nossos alunos que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência. O professor precisará dar confiança e condições para poder despertar nos alunos o desejo de ler.

Ao final, desse capítulo, percebemos o quanto o ensino da fábula contribui para o desenvolvimento de uma prática pedagógica voltada para a formação de novos leitores e por que é importante entender como se processa a leitura e como tal processo ocorre, em suas várias fases, que vão da motivação até a interpretação e retenção do conteúdo.

No próximo capítulo, apresentaremos uma sugestão de mediação de leitura a partir do uso do gênero textual fábula na sala de aula e o porquê da escolha desse gênero.

3 UMA PROPOSTA DE MEDIAÇÃO DE LEITURA

Neste capítulo, apresentaremos uma proposta de mediação de leitura a partir da utilização das fábulas como prática pedagógica com o intuito de desenvolver no aluno a sua competência leitora de forma clara, objetiva e dinâmica.

3.1 Metodologia

A proposta de se trabalhar com as fábulas na sala de aula surgiu com o objetivo de despertar no aluno a sua competência leitora e colocá-lo em contato com a literatura, especificamente com outros gêneros textuais. Através do estudo da fábula, poderemos desenvolver um amplo campo de aprendizagem, com a desenvoltura da oralidade, interpretação textual, discussões, reflexões e a intertextualidade.

Esta proposta de mediação de leitura aponta para a necessidade de repensar sobre as teorias e práticas tão difundidas e estabelecidas, que, para a maioria dos professores, tendem a parecerem às únicas possíveis. Este projeto de mediação de leitura busca em sua metodologia formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontem, pois é preciso organizar um trabalho em que aprendam e reflitam sobre o que ler, principalmente quando não têm contato sistemático com bons materiais de leitura e adultos leitores.

Nesta proposta de mediação de leitura, procuramos dar algumas sugestões de como trabalhar o gênero fábula na sala de aula de maneira prazerosa, como também incentivar o aluno a desenvolver a competência leitora. Atualmente, o conhecimento disponível a respeito do processo de leitura indica que não se deve ler por meio de práticas centradas na decodificação. Ao contrário, é preciso oferecer aos alunos inúmeras oportunidades de aprenderem a ler usando os procedimentos que os bons leitores utilizam. É preciso que antecipem e façam inferências a partir do contexto ou do conhecimento prévio, verificando suas suposições tanto em relação à escrita como ao significado.

A metodologia desenvolvida nesta proposta pedagógica de ensino tem a leitura como prática social, uma vez que é sempre um meio e nunca um fim. Ler é resposta a um objetivo, a uma necessidade pessoal. No entanto, uma prática constante de leitura não significa a

repetição infundável dessas atividades escolares. Fora da escola, não se ler só para aprender a ler, não se ler a de uma única forma e não se decodifica apenas palavra por palavra.

3.2 Proposta de mediação

Esta proposta de mediação de leitura tem como objetivos específicos: compreender o ponto de vista de quem escreve realizando uma leitura crítica, reconstruindo o sentido, segundo suas vivências, ampliando sua visão de mundo e contribuir com a formação de leitores ativos, capazes de produzir textos coerentes, coesos e adequados ao gênero estudado.

Para isso, os critérios de escolha do gênero textual fábula, para ser trabalhada em sala de aula, leva em conta não apenas as múltiplas abordagens, mas também a diversidade quanto ao gênero ou ao tipo de texto, a adequação a faixa etária e o grau de dificuldade que o texto oferece, tendo em vista o processo de desenvolvimento de habilidades e competências de leitura do aluno. Seguramente, a melhor maneira de levar o aluno a construir o hábito da leitura é combinar a leitura de obras já destinadas a ela com a de obras escritas por grandes autores.

A partir da apresentação dessas fábulas, o professor poderá confeccionar um cantinho de leitura com todas as fábulas escolhidas e promover a familiarização dos textos entre os alunos. Em relação à leitura, propomos a realização de atividades que seduzam o aluno para o livro e constituam um desafio à sua criatividade, tais como:

- Roda de leitores: o professor dispõe os alunos em círculo e faz perguntas sobre o tema, às personagens ou pede aos alunos que questionem os colegas sobre a fábula lida;
- Reconstituição dramatizada da história lida;
- Debate sobre determinadas atitudes das personagens, checando se são coerentes ou não com a sua caracterização psicológica;
- Trabalhos com desenhos, recortes para que os alunos expressem a respeito de algum trecho ou frase escolhidos a partir do enredo ou parte dele; reunião de texto e ilustração em cartazes, expostos no mural da escola;
- Confecção e exposição de cartazes ilustrados que apresentem uma parte do resumo da história, escrito de tal forma que aguce a curiosidade de outros leitores;

- Mudança de foco narrativo: o aluno reconta a história lida sob o ponto de vista de uma personagem;
- Divida a classe em grupos para realizar a leitura dos textos. Durante a leitura, os alunos anotam as palavras cujos significados eles desconhecem e os trechos que tiverem maior dificuldade de compreensão.
- Por fim, separe a turma em: um com o papel do narrador e outro com o papel dos personagens para fixar a compreensão dos textos.

No plano do ensino – aprendizagem equivale dizer que o conhecimento e o domínio dos diferentes tipos de gêneros textuais, por parte do aluno, não apenas os preparam para eventuais práticas linguísticas, mas também ampliam sua compreensão da realidade, apontando-lhe formas concretas de participação social como cidadão.

Com a realização desta proposta de mediação de leitura através das fábulas, tem a finalidade de verificar a dificuldade de interpretação e compreensão dos alunos durante a leitura dos textos. Não é de hoje que a maioria dos alunos sentem dificuldades de expressar seus conhecimentos sobre o texto lido, condição que reflete diretamente na escrita e produção textual. Em verdade, para a maioria dos alunos, é mais fácil ler um texto escrito do que produzir um.

Nesse sentido, a efetiva aprendizagem é mais que a simples reprodução da realidade: ela resulta da intensa atividade de apreensão e organização de aspectos da realidade e da integração de novos conhecimentos aos já adquiridos. Cabe ao professor proporcionar aos alunos situações que favoreçam a aprendizagem a partir de conhecimentos já adquiridos e em que a presença do outro os estimule a desenvolver ideias e opiniões pessoais.

Vale ressaltar o seguinte: para que o aluno avance em sua aprendizagem, é importante que o professor planeje situações significativas de leitura, partindo do que o aluno já sabe e fazendo uso de textos que circulam socialmente, seja a destinada ao entretenimento, à informação ao entretenimento, a formação, a propaganda entre outros.

Segundo Cosson (2011 p. 17), “a literatura tem uma função de humanizar, pois é plena dos saberes sobre o homem e o mundo, logo, nos permite saber da vida por meio da experiência do outro”. Segundo Marcuschi (2008, p. 22), “a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual.” Dessa forma, a linguística e as direções dos gêneros textuais colaboram com a fundamentação dessa proposta de leitura, visando à comunicação,

propiciando a efetivação de práticas de leitura centradas num processo de interação, argumentação e visão crítica da realidade.

Além disso, o processo de apropriação do conhecimento feito pelo aluno a partir do contato com o gênero fábula e, especificamente, o processo de aprendizagem da leitura e da escrita. Aqui, tanto o texto como o leitor são importantes, uma vez que, para ler, este não lança mão apenas de suas habilidades de decodificação, mas aporta àquele os seus conhecimentos prévios e objetivo. Para tanto, o leitor se envolve dentro de um mosaico de verificação de previsões, fazendo reajustes rumo à construção das significações do texto.

Na esteira de Marcuschi (2008, pág. 23), “quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares.” Essa assertiva dialoga com as ideias de Bronckart (1999 p. 103), principalmente quanto este diz que “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas”. Dessa maneira, os gêneros textuais operam, em certos contextos, como formas de legitimação discursiva, já que se situam numa relação sócio-histórica com fontes de produção que lhes dão sustentação muito além da justificativa individual.

Nesse sentido e mediante dados coletados, se fez compreender que aprender a ler é apropriar-se de um conhecimento cultural amplo para torna-se usuário da leitura no meio em que vive. A leitura e a escrita são ferramentas para a compreensão e a realização da comunicação, chaves para apropriação dos saberes, inserção no mundo da leitura, que cumpre seu papel simbólico, social, de cidadão.

Para tanto, as práticas referidas a seguir levam a essa formação de sujeitos leitores, podendo, evidentemente, serem ampliadas: incentive a leitura das fábulas, sem punir os que ainda não gostam de ler; convide os alunos para sempre ler uma fábula ou outro gênero textual, oralmente ou em silêncio antes das atividades do dia; leia você também uma fábula para seus alunos ouvirem (não como modelo, mas para evidenciar que você gosta de ler e o faz com prazer e tranquilidade); faça a leitura de histórias (uma variação da atividade de contar histórias).

Saber que uma história lida com prazer pelo professor para os alunos leva quase sempre, o ouvinte a querer ler o texto; procure diferenciar o objetivo da leitura dos diferentes textos. Não se lê uma regra de jogo, um texto literário ou uma notícia de jornal com o mesmo

olhar crítico e com a mesma finalidade; Criar novas ações que oportunizem o verdadeiro encontro do aluno com o livro.

Tais direções tomam como referência os estudos de Leffa (1996), considerando a seguinte via: a qualidade do ato de leitura não é apenas intrínseca ao texto e sim à habilidade de reação do leitor. Nesse caso, a riqueza da leitura não está necessariamente nas grandes obras clássicas, mas na experiência do leitor ao acionar o processo de significação do texto. O significado, por sua vez, estar nas chaves interpretativas dadas pelo texto, levando em consideração o mosaico de possibilidades.

Desse modo, é preciso formar um leitor competente, capaz de ler tanto o estético como o cultural presente no texto. São esses os pressupostos que norteiam a nossa proposta a partir do estudo do gênero fábula, haja vista a mediação de leitura atenta à abordagem dos aspectos ligados à reflexão sobre a prática de leitura.

Sendo assim, o aluno desenvolve sua cultura conhecendo e apreciando produções artísticas, que são ações que integram o perceber, o pensar, o aprender, o sentir, o recordar, o imaginar, o expressar e o comunicar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar e repensar o ensino de Língua Portuguesa. Rever metodologias sobre as práticas de leitura, analisar resultados de avaliações, enfrentar a realidade do nosso país. Buscar a compreensão dos porquês e conviver com as angústias de reconhecer aquilo que ainda não sabemos. Aceitar o novo sem preconceitos e não abandonar os acertos já conquistados.

Para isso, o ponto de partida para repensar o ensino é a restauração de uma prática de leitura que busque com insistência o reconhecimento do diversificado *corpus* dos gêneros textuais. Nesse cenário, exige-se a quebra dos paradigmas da aprendizagem mecânica do ler e escrever, pautada no decodificador linguístico. Isso se dá porque a leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua. Assim, com a realização desse projeto de mediação de leitura, esperamos instigar o prazer pela leitura e instrumentalizar os alunos para atuar no âmbito social, cultural e pessoal.

A leitura é mais eficiente quando os leitores conhecem as convenções, as características, o tipo de estrutura própria do texto cuja leitura vai iniciar, sejam livros didáticos, reportagens, fotonovelas, fábulas, crônicas, poesias, contos, entre outros. O que se deve construir são habilidades de reconhecimento das suas estruturas diversas que obedecem a convenções, pois, quanto mais se conhecem as convenções do gênero, mais fácil é abordar o texto com segurança.

Percebe-se que aprender a ler é um ato dinâmico, embora a leitura seja uma atividade complexa. Segundo Carvalho (1998), a leitura é uma espécie de troca, interação entre leitor e autor, definidos como um modelo interativo de leitura. Nesse processo, o leitor constrói os significados do texto e os compreende, o que torna seu papel interativo – ativo. Mas, para que haja essa interação, é preciso que o leitor acione seu repertório. Nesse caso, acredito que, por meio dessa proposta de mediação de leitura, os alunos entraram em contato com as experiências singulares dos gêneros textuais.

O ensino da leitura e da escrita deve seguir rumo à formação e à capacitação efetiva. Nessa proposta de mediação de leitura das fábulas, alguns aspectos proporcionaram a reflexão a respeito da prática pedagógica, com o objetivo de ensinar a ler e a escrever, condição e requisito para a cidadania e para participação em uma sociedade letrada. Além disso, significa

saber interpretar, elaborar conhecimentos novos, desenvolver a capacidade de interpretar textos orais e escritos, levantar conhecimentos prévios, expressar ideias, pensamentos e sentimentos, utilizando linguagem adequada a cada situação.

Para esse processo, deve-se destacar a importância da revisão da ação pedagógica com enfoque no desenvolvimento e na construção da linguagem. A prática de sala de aula precisa se dar num ambiente estimulante, com atividades desafiadoras que levam o aluno a pensar e a diagnosticar sobre o processo de leitura e escrita. A leitura consiste em um elemento de muita discussão por parte de professores que buscam estratégias para melhorar a capacidade de leitura dos alunos no Ensino Fundamental.

No dia-a-dia escolar, foram observados que alguns alunos, encontram dificuldades na compreensão do conteúdo lido, sentindo-se inseguros e fazendo do ato da leitura uma aflição. Ligar o ensino de leitura e de estratégias de compreensão leitora com o gênero fábulas é uma das ferramentas para provocar a mudança nessa direção, até porque, inicialmente, parte-se de leituras de fácil compreensão e, conseqüentemente, conduz o grau de dificuldades. Desse modo, dão-se as possibilidades para construção de habilidade de leitura e da aquisição de conhecimentos relevantes à prática social.

Também, pode-se perceber a importância das fábulas como recurso didático, visto que a inserção desse gênero textual é útil na formação de sujeitos leitores, já que as fábulas são conhecidas por transmitir de forma implícita uma lição de moral, podendo ser trabalhada como recurso de entretenimento, através de ensino e aprendizagem de maneira significativa e prazerosa, além de possuir uma estrutura textual curta. Esse desafio é posto aos futuros professores: procurando planejar e desenvolver atividades, dinâmicas, enfim, procurando meios que contribuam de forma eficaz para o desenvolvimento da leitura e da produção textual dos alunos dos diferentes níveis de ensino.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. *PDE: Plano de Desenvolvimento da Educação: Prova Brasil: ensino fundamental: matrizes de referência, tópicos e descritores*. Brasília: MEC, SEB; Inep, 2009.
- BRONCKART, J. P. *Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo, 1999.
- CARVALHO, M. *Guia prático do alfabetizador*. Ed. Ática – Série Princípios, São Paulo: 1998.
- COELHO, N. N. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.
- COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. 2ª. Ed. 1ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2011.
- KLEIMAN, A. *Leitura: ensino e pesquisa*. Campinas: Pontes, 1989.
- LEFFA, V J. *A leitura da outra língua: Leitura; Teoria e Prática*. Associação de Leitura do Brasil, Campinas, 1996.
- LEITE, I. A. *Coleção Recontar: Fábulas de Esopo* – Editora Escala Educacional. São Paulo, 2004.
- MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Cortez, 2008.
- PIAGET, J. *O juízo moral na criança*. 4. ed. São Paulo: Summus, 1994.
- SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.